

A dramática trajetória de um povo acossado pelo capitalismo selvagem

ANTONIO ALVES
Da nossa equipe de reportagem

(Usair, Maxinaú do Rio Jordão)

Vivemos neste Acre dentro da Floresta. A nossa luta é viver com branco. Foi isso: nós vivíamos dentro do Rio Jordão sem ter dor de cabeça. Ai chegaram os brancos, que é rucupa, e foi invadindo as nossas estradas de seringa, matando nosso povo, no, avos e dia, sem necessidade, com bala de rifle e fazendo exploração da caça e pesca. Somente empurrando nosso costume de nós caçar e pescar e empurrando nosso costume de fazer festa de batismo. Somente que era nosso costume, não conseguimos esquecer. Foram tirando nos a madeira de lei e foi assim que eles acabaram mandando só por eles e nós fomos ficando de menos, e eles ficaram só mandando os índios trabalhar para eles, como caçando para eles comer carne, carregando borracha nas costas, tornando jacuba de farinha com sal, e tirando madeira para eles vender e ganhar dinheiro. Levando borracha de balsa, do seringalista, do seringal Revisão até no barranco do Rio Jordão, e levando até cidade de Tarauacá com varejão, debaixo do sol quente e debaixo de chuva e frio e ganhando bem pouquinho. Com o tempo chegou um antropólogo Terri Vale, aqui em 1975, e falou com o chefe da comunidade indígena Alfredo Sueiro Sales que; meu pai e perguntou como nós vivíamos. O meu pai contou: vivíamos como escravos nas mãos do patrão, antigamente nós mandávamos e agora não mando em nada, eu sou enganado no peso da borracha e no peso da mercadoria e no acerto de conta corrente.



A dança do mariri é uma das tradições indígenas que ainda persiste entre os índios do Acre

O primeiro sofrimento fo isso.

Segundo, agora nós não manda mais nada, só trabalha para eles, obrigaram a nós pagar a renda das estradas de seringa por par de estrada de seringa é 70 quilos. Ai o Terri respondeu a eles: vocês tem o seu direito de ter seu pedaço de terra para viver, seu povo tem direito de ter sua estrada de seringa, vocês tem direito de não pagar renda de estrada de seringa, vocês tem seu direito de mandar no seu próprio trabalho vender sua produção de borracha com sua mão mesmo, você tem direito de não ser enganado no preço da mercadoria e no preço da borracha e no peso da borracha. Gente de fora não pode invadir suas terras, quem manda aqui é vocês que moram nela. Ai o velho entendeu mais ou menos o que antropólogo fazia no Acre visitando em tantos lugares, pesquisando os restos dos viros que ainda tem por aí. Daí o velho fala com Raimundo Ramos, para ficar com seringal Raimundo falou para o velho delimitar o seringal fazer picada o velho convidou Getúlio. E ele convidou com panheiro dele e fizeram a picada.

Ai o Terri chegou no seringal com o projeto para nós começar trabalhar por conta própria, e começamos trabalhar no primeiro mês, a juntamos 30 quilos de borracha, e a turma encheu todas as colocações do seringal Fortaleza, e ainda tinha muito seringueiro sobrando, e daí foi preciso ocupar outro seringal, Bom Jardim. Quem morava era o Milton Paixão txau acompanhando, conseguimos ficar com lúha Jardim. Ai a produção aumentou, deu 60 quilos, o preço da borracha era de 200.00.

Em 1979 fomos obrigados a limpar o seringal Bom Fim e seringal Transval, porque já estava aumentando a população, começamos com 540 e em 1979 era 660, passou.

Por isso foi preciso ocupar, 1980 chegou gente de Tarauacá, e abriu para ficar com seringal Revisão. Ai João Teles quis brigar com nós, nós encontramos com ele na praia do Pau-Mulato. Já vinha subindo nós descendo, João Teles quis puxar revólver faca e espingarda, por causa do seringal dele. O pai falava com ele, nós aqui pode brigar. Mas, quando nós encontramos

na praia, eu vou avisar minha turma que quando eu chegar debaixo nós começamos a guerra. Nós vamos brigar escondido, vamos marcar a hora e o dia para nós começar a guerra, para ver quem é que vai perder. O tuchau falou pro João Teles, tu vai morrer por causa do seringal do outro que vai ficar com outra pessoa. Ai o João entendeu mais ou menos. O João cuidou da viagem dele, nós continuamos a nossa viagem pra Tarauacá e Rio Branco, Brasília para resolver essa questão com FUNAI, para ver o nosso direito e para saber a demarcação da nossa terra de seringais, o velho queria saber Getúlio. Agostinho resolveu lutar com FUNAI e conseguiram 2.500.000,00 para pagar a benfeitoria do seringueiro e do patrão e do posseiro e do diarista as benfeitorias são: estrada de seringa, roçado e casa. A seringueira ninguém não pode comprar, não foi ele quem plantou foi São Pedro que plantou para os pobre que não tem dinheiro no banco. Mas João não recebeu os 2.500.000,00 em dinheiro voltou. Depois nós pagamos com borracha 2.000.000,00 só daí causa confusão, ficamos com o seringal só nós índios mandando por conta própria.

Quando terminamos de tirar o seringalista, entrou o chefe do Posto, por conta da FUNAI. Mas nós vimos que não dava certo, estava fazendo o mesmo trabalho que o patrão seringalista fazia. E chegaram 2 professoras, Conceição e Keila, passaram só 3 meses lecionando na aldeia, não deram certo, voltaram para Rio Branco.

Daí o povo ficaram reclamando porque professora só lecionou num seringal, os outro cinco ficaram sem escola e esperando, elas não foram mais. A FUNAI, mandou o projeto para os índios, mas não entregaram nas mãos dos índios, deu pro Anselmo, ele pegou dinheiro, marretando mercadoria, ainda construindo casa bonita, pagando não sei quantos empregados. Esse chefe do posto não durou tempo, nesse ponto pareceu para nós mesmo o início de preparar por nós mesmo. Nascermos e nos criamos aqui. Não temos saudade de voltar para trás. Em 1983 txau Terri conseguiu localizar em Rio Branco do Acre o chefe da comunidade, e colheu 11 pessoas para alfabetizar

e fazer o curso em Rio Branco, primeiro José Sales, aluno 18 anos, Norberto Sales com 23 anos, Rufino Sales Maia, 21 anos, Izaias Sales 22 anos, João Sales, 34 anos, Salvo Barbosa, du, baque 31 anos, José Pereira, du, baque bisco 38 anos, Franseusinho, du, baque tene 24 anos, Joaquim, du, baque nana 22 anos, João Carlos da Silva, ino baque 17 anos, Anastácio Maia, du, baque 23 anos, 11 alunos escolhidos pela liderança indígena para fazer trabalho na aldeia. Se deram o nosso direito de deixar nós em Tarauacá, daí fomos em Rio Branco, ele deu 100.000 (cem mil cruzeiros) para nós fumar cigarro, realmente passamos 3 meses no Centro de Treinamento, fazendo curso os 9 dias com 150 bandeja por conta da Comissão Pró-Índio do Acre.

Nesses 3 meses de curso, foi em português e matemática e o curso de agente de saúde. Agente saúde foi com Dr. Artur e com Roberto. E com enfermeira Jocilene somente 6 dias de português foi com professora Nietta Lindemberg Monte, quem organizou a nossa cartilha do índio seringueiro do Acre. E a matemática foi com Luiz Carvalho. Quem arranjou esse professor e professora foi Terri Vale de Aquino que é presidente da Comis-

são Pró-Índio do Acre. Realmente voltamos sem material para nossa aldeia, com sabedoria na cabeça lá nós começamos organizar o nosso povo para montar escola daqui pra frente e organizar nosso movimento cooperativo. Fazendo reunião com seringueiro, dizêco a ele que vamos alfabetizar, daqui pra frente para não ser enganado por ninguém. Com 6 meses chegava a nossa cartilha do índio seringueiro que aprovamos no tempo do curso. Por que que nós fizemos a cartilha? Se nós levar cartilha da cidade não dar certo, porque os alunos não conhece tractor e nem carro, ge-

ladeira. Por isso que foi feito essa cartilha e outras coisas, nós não podemos só estudar o que é dos outros, podemos estudar o que é nosso trabalho e a coisas conhecidas por nós da região mesmo. E fizemos um livro de história de hoje e de antigamente para nosso povo começar conhecer o nosso mito. Quando chegou o livro começamos funcionar, nos separamos os dia e ficamos certo com aluno para estudar na escola os 2 dias, sexta-feira e sábado para aprender a língua portuguesa, para saber preço da mercadoria e saldo, preço

da borracha, para falar com vocês para saber entender os números do radio e saber as horas e saber viajar na cidade, para telefonar para nosso amigo e saber ver dinheiro para pagar passagem do ônibus saber resolver a luta da nossa terra. Os dois dias ficou para isso para não ficar analfabeto, os quatro dias, deixamos para estudar nosso sistema de saber viver na vida. Deixamos para estudar a extração da seringa para o aluno aprender saber pescar, caçar, a construção de casa de moradia e saber viajar no rio e no mato conhecendo as divisões da terra, aonde vai.

E saber trabalhar com machado, com terçado, com enxada na roça e saber fazer roçado. Para saber os sistemas. Estudar o nosso remédio do mato que é especialmente saber as nossas músicas ue alhaysça quando a gente toma, saber musica do tim e buna e batismo da criança e da festa do mariri e saber bem nossas histórias de bem antigamente de 1900 a 300 e saber o nossa respeito de humano, saber amar e saber fazer barco para andar no Rio Jordão honde Jesus batizou e saber aumentar a população. Os quatro dias ficou para isso para aprender as tradições das línguas.

Os índios e a imprensa dos brancos

Não foi uma semana do Índio das mais divulgadas. Primeiro porque no início da semana faltou material fotográfico e os jornais deixaram de circular. Rádio e Televisão nem se falam, não querem ver índio nem pintado. Estão no pique da Globo. Mas nem por isso a Semana deixou de acontecer. A notícia táva aí, a imprensa não deu porque não quis.

A imprensa tem uma maneira interessante de tratar esses assuntos. Só dá destaque se correr sangue ou palavreado de político. Ou se alguém se dispuser a escrever de graça, na base daquela velha história de "abrir um espaço".

Somos uma sociedade que não ga a si mesma. E verdade que os índios são minoria neste país. E verdade também que os negros negro africano mesmo, são mi-

noría. Mas é verdade também que os brancos são igualmente minoria. A maior parte da população é mestiça. Tudo misturado: tem gente de olho verde e cabelo pixaim, tem gente de cabelo liso e pele morena, tem de tudo. Mas todo mundo na hora de preencher um formulário de matrícula, naquele espaço para colocar a cor, escreve com toda firmeza: "branca". Todo mundo quer ser branco.

O processo de formação da nação brasileira é o da escravidão dos negros e o da chacina dos índios. A minoria branca governa o país, estabelece ditaduras. Depois faz "transição para a democracia", abre as portas para as multinacionais, depois faz "re serve de mercado" brinca de preservação da memória nacional, fala de cultura com o copo de

uisque na mão e até tenta se fazer de engraçadinho, como o novo ministro do Interior que disse que não podemos ter uma visão "clorofílica" do desenvolvimento da Amazônia. Os brancos são uma peste na história da humanidade. Vide Hitler e a sua pura raça ariana.

Essa é a base antropológica — grosso modo — sobre a qual se ergue a estrutura da imprensa nacional. Nem quero falar da base econômica, esta mais do que óbvia e que, bem verdade, determina quase todo. Mas só em "última instância", como dizia o próprio Marx, coisa que os marxistas não entenderam até hoje. São brancos.

A imprensa acreana, particularmente está umbelicalmente ligada à elite de seringalistas, marreteiros e, recentemente, fazendeiros que domina o Estado.